

# SISTEMAS DE VALORES E VISÕES DE MUNDO NOS DICIONÁRIOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS BILÍNGÜES E MULTILÍNGÜES

## Introdução

Desde há muitos anos, nos interessamos, em nossos estudos e pesquisas, por modelos que procuram dar conta das condições semióticas e semântico-sintáticas da produtividade sistêmica, lexical e discursiva (Pais, 1993: 554-602). Essas investigações nos conduziram a outro importante problema, aqui abordado, o exame de aspectos do processo de produção do conhecimento, articulado ao da produção da significação, enquanto função semiótica (Hjelmslev, 1966: 63-79), ou seja, das relações entre *episteme* - como projeção do homem sobre os 'objetos do mundo', no sentido aristotélico - e *semiose* - entendida como processo de instauração das relações entre o plano do conteúdo e o plano da expressão.

Assim, neste trabalho propusemo-nos a estudar, ainda, aspectos do processo de construção e permanente reconstrução da 'visão de mundo' das comunidades humanas, em abordagem multidisciplinar, fundamentando-se em modelos teóricos formulados pela semântica cognitiva, pela noêmica, pela semântica lexical, em sua forma mais avançada, e considerando, ainda, suas articulações com a sociosemiótica e a semiótica das culturas. Buscamos examinar certas facetas dos mecanismos de produção do 'saber sobre o mundo' e suas relações com a produção de significação, de informação, como também, com a sustentação de sistemas e microsistemas de valores subjacentes aos discursos, em nível profundo e hiper-profundo.

## 1 A propósito dos 'universais' semióticos e da diversidade cultural

Caracterizam-se os processos semióticos - sistemas e discursos, ou, se preferirmos, competência e desempenho, dialeticamente articulados -, verbais, não-verbais e complexos ou sincréticos, por certos atributos comuns e constantes, decorrentes da natureza do homem, como espécie biológica, e de mecanismos básicos do funcionamento do cérebro humano,

do processamento da informação que lhe é peculiar. Desse ponto de vista, como é evidente, a estrutura, o funcionamento e a produção daqueles processos permitem construir modelos que procuram dar conta do que é semelhante nas diversas comunidades humanas, em função da chamada "natureza humana", como se dizia na Antiguidade.

Assim, por exemplo, todos os processos semióticos são suscetíveis de ser parcialmente explicados por um modelo simples, o da oposição entre eixo paradigmático e eixo sintagmático. Todos os processos semióticos contêm, ainda, no nível da competência, um 'léxico', isto é, universo das unidades memorizadas disponíveis para atualização, e uma 'sintaxe', enquanto conjunto de regras ou de leis combinatórias, para a produção de enunciados constitutivos do discurso e para a produção do próprio discurso. No caso particular das semióticas verbais, por exemplo, todas as línguas naturais conhecidas e seus discursos se assinalam pelo tratamento seqüencial e descontínuo (discreto) da informação, dentre muitos outros aspectos.

Além disso, todas as semióticas-objeto constituem processos de produção de significação, de produção de informação, de produção e sustentação de ideologia, de sistemas de valores. Com eles e através deles se dá a permanente construção e reconstrução de um saber sobre o mundo e da 'visão de mundo', eis que são "instrumentos de pensar o mundo".

Entretanto, se os mecanismos fundamentais da cognição e da semiose são os mesmos para o homem, enquanto espécie, os processos e os resultados dessa produção incessante variam extremamente, daí decorrendo a constituição de culturas, de formas de ordenamento social, de processos semióticos diferentes, de memória dessas codificações, donde o desenvolvimento do processo histórico e a tomada de consciência no que tange a esse complexo simbólico. Noutras palavras, temos, como conseqüência, a extraordinária diversidade socio-cultural e lingüística que é o apanágio do homem. De fato, os homens são a única espécie animal do

planeta que desenvolveu, por exemplo, milhares de instrumentos de comunicação distintos, para mencionar apenas as línguas naturais. Quanto a essa questão, convém lembrar a afirmação de Hjelmslev (1966: 79), no sentido de que “não existe formação universal, mas apenas um princípio universal de formação”. É preciso assinalar que *formar*, no sentido hjelmsleviano, significa atribuir, suprimir, criar ou modificar valores.

Nesse sentido, a ‘visão do mundo’ de uma comunidade sociocultural e lingüística, assim como a ideologia, ou, se preferirmos, o sistema de valores de uma cultura acham-se sempre em contínuo processo de (re)formulação, num perpétuo “vir a ser”, no processo histórico da cultura e, paradoxalmente, transmitem aos membros da comunidade o sentimento de estabilidade e de sua continuidade. Desse modo, todos os processos semióticos (sistemas x discursos), numa etapa qualquer de sua existência e funcionamento, são geograficamente delimitados e historicamente determinados.

Parece, pois, pouco produtivo afirmar, como o fazem certas teorias, que somente são pertinentes para as ciências da linguagem e da significação, as características ‘universais’ de tais processos semióticos, ou, ao contrário, sustentar que apenas a diversidade lingüística e sociocultural têm interesse científico. Como é evidente, articulam-se dialeticamente a universalidade de certas estruturas e mecanismos decorrentes da natureza biológica do homem e a riquíssima e extremamente complexa diversidade dos processos semióticos, das culturas e dos modos de ordenamento social que, através dos primeiros, se constroem e permanentemente se reconstróem.

## 2 Considerações sobre cognição, conceptualização e semiose

Propusemo-nos, pois, a investigar as relações entre o processo de construção e reconstrução do saber, efetuado pelo *sujeito cognitivo*, e o processo de elaboração e reelaboração de um mundo semioticamente construído, pelo *sujeito enunciatador/enunciatário* do discurso. Foram utilizados os modelos da semântica cognitiva, da análise noêmica, da análise sêmica e léxico-semântica, da sociosemiótica. Consideraram-se o percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação, seus níveis de estruturação e transformações, buscando verificar de que modo neles se inscrevem e se articulam o fazer cognitivo e o fazer discursivo. Em trabalhos anteriores (Pais, 1979a; 1979b; 1982; 1984a; 1984b; 1985; 1988; 1993), examináramos muitos aspectos dos processos de produção da significação e da informação, da construção e permanente reconstrução das visões do mundo, nos sistemas significantes, dos problemas observáveis nas relações que se estabelecem entre os *processos semióticos*, sistemas semióticos e seus discursos, de um lado, e a sociedade e a cultura em que se verificam sua operação e manifestação, de outro. Em função dos avanços da

pesquisa, aqueles modelos anteriormente publicados sofreram reformulações.

Trata-se de um domínio multidisciplinar por definição, de que decorre a exigência de uma cooperação intensa entre ciências, disciplinas e domínios como, por exemplo, a lingüística, a semiótica, a antropologia, a sociologia, a história, a filosofia da linguagem, as lógicas, as ciências da comunicação, as investigações sobre inteligência artificial. Contudo, toda pesquisa inter ou multidisciplinar compreende uma ou duas disciplinas dominantes que definem o ponto de vista de que se parte, para adicionar, em seguida, as contribuições das outras disciplinas envolvidas. Assim, nossos modelos e metamodelos fundamentam-se, essencialmente, na lingüística e na semiótica.

A nosso ver, os sistemas semióticos - verbais, não-verbais e complexos ou sincréticos e seus discursos - são concebidos como processos de produção, simultaneamente, da significação - relações entre um plano do conteúdo e o plano da expressão, funções semióticas e metasemióticas *lato sensu*-, produção da informação do conteúdo - recortes culturais -, produção, transformação e reiteração da ideologia - aqui entendida como sistema de valores - e, por conseguinte, da ‘visão do mundo’. Nesses termos, os sistemas semióticos e seus discursos articulam-se dialeticamente, constituindo as duas instâncias dos *processos semióticos de produção* (Pais, 1979a, 1980; 1982; 1993: 309-328, 404-419). Especialmente delimitados e historicamente determinados, devem ser estudados, em sua estrutura e funcionamento no seio da vida social, enquanto instrumentos de comunicação humanos, dotados de mecanismos de auto-regulagem e auto-alimentação, e também em sua mudança no eixo da história, em suas relações com a sociedade e a cultura, enquanto instituições sociais, culturais e históricas.

## 3 Do mundo semioticamente construído e do percurso gerativo da enunciação, da coerência e da compatibilidade

Por outro lado, pudemos verificar que diferentes sistemas semióticos e seus discursos em funcionamento numa mesma comunidade lingüística e sociocultural, não obstante a diversidade da natureza de seus códigos e processos de tratamento da informação, produzem e reiteram, de modo geral, recortes culturais *compatíveis*, sistemas de valores e ‘visões do mundo’ *coerentes*. Esse fato é detectável não só nos percursos de transcodificação inter-semiótica, como também nos percursos sintagmáticos concomitantes dos discursos complexos ou sincréticos resultantes do funcionamento combinado (em paralelo) de várias semióticas-objeto ditas ‘simples’, ou seja, nas semióticas-objeto complexas ou sincréticas (Pais, 1979b; 1993:382-403). Nessas condições, diremos que tais sistemas e seus discursos constituem, em conjunto, o que chama-

mos de macrossemiótica de determinada cultura (Pais, 1982; 1993: 420-421).

Esse caráter culturalmente coerente e articulado, no tocante à informação, observado nos processos semióticos de produção, conduziu à necessidade de propor noções operacionais, utilizáveis na metalinguagem científica, de elaborar ou reelaborar certos metamodelos, para tentar explicar não somente os mecanismos que autorizam as transcódificações e, na realidade, impõem a coerência e a compatibilidade mencionadas, no interior de uma macrossemiótica, mas também aqueles que permitem as transcódificações inter-macrossemióticas, de uma a outra cultura.

Dáí decorreram nossos esforços de construção de metamodelos, de reconstrução teórica dos patamares, das etapas dos percursos gerativos da enunciação de codificação e de decodificação, dos correspondentes processos de elaboração, transmissão, armazenagem, recuperação e reelaboração da informação. Esses patamares e esses processos correspondem, por sua vez, teoricamente, a outros tantos níveis de abstração, desde os textos manifestados até as estruturas hiperprofundas, pré e trans-semióticas, em correlação com os diferentes universos semióticos afetados, nos planos do sistema e das normas (Pais, 1985; 1988; 1993: 522-553, 554-602).

Essas reflexões nos conduziram a conceber um percurso gerativo, em sentido amplo, da enunciação de codificação, que vai da percepção biológica - culturalmente filtrada - e da análise da experiência até a sua manifestação em discurso e, inversamente, um percurso gerativo da enunciação de decodificação, que, por sinal, coincide com o processo de reconstrução teórica do lingüista e do semiótico, a partir dos textos manifestados, únicos objetos diretamente observáveis.

O percurso gerativo da enunciação de codificação compreende, como pudemos demonstrar em trabalhos anteriores (Pais, 1985; 1988; 1993: 522-553, 554-602), a percepção, a conceptualização, a semiologização, a semiotização - que inclui a lexemização e a atualização - e, finalmente, a semiose em discurso. Por seu lado, o percurso gerativo da enunciação de decodificação realiza-se em sentido contrário, conduzindo à reconceptualização, à reconstrução, pelo sujeito semiótico, de uma análise da experiência e, conseqüentemente, à realimentação e à auto-regulagem dos processos semióticos de produção (Pais, 1993: 309-328).

#### 4 Do metassistema conceptual e da produtividade discursiva

Dessa maneira, a *compatibilidade* dos recortes culturais, a *coerência* ideológica e a própria *possibilidade* das *transcodificações* exigem postular teoricamente uma instância, imediatamente subsequente à percepção biológica e, portanto, *pré-semiótica* - entendida como etapa logicamente necessária - e *trans-semiótica* - no sentido de sua disponibili-

dade, para ser tratada, em seguida, por qualquer semiótica-objeto: o nível do *metassistema conceptual*, da *conceptualização*, das *estruturas hiperprofundas* (Pais, 1979b; 1985; 1988; 1993: 535-541, 562-598). Nesse nível, são produzidos recortes culturais - destacados do *continuum* dos dados da experiência, como objetos, processos e atributos de objetos ou de processos - e analisados, a seu turno, em traços semânticos conceptuais, os *noemas*, objeto da noêmica (Pottier, 1980a; 1980b; 1991: 9, 13, 16, 60-70, 76). Uma rede de relações se estabelece, pois, entre os recortes culturais - os *designata* do mundo 'referencial' - e os conjuntos de noemas, nebulosas sêmicas ou conjuntos noêmicos que são os *lexes* (Pottier, 1974: 44 e 82), entendidos como *designationes* potenciais ou como matrizes sgnicas pré-semióticas e trans-semióticas. Esses *lexes* correspondem, de outro ponto de vista, aos *conceptus*, aos 'modelos mentais' de que se ocupa a semântica cognitiva, segundo a proposição de Rastier (1991: 73-114). De maneira geral, a cada *conceptus*, enquanto 'modelo mental', se relacionam um ou vários conceitos, ao nível lingüístico (de uma língua natural), por exemplo.

Entretanto, na passagem do patamar da percepção ao da conceptualização, convém distinguir três estágios de atributos semânticos, as latências (traços dos 'objetos do mundo' *in potentia*), as saliências (traços que se destacam na semiótica natural) e as pregnâncias (escolhas do sujeito enunciador individual e/ou coletivo), assim como as etapas que intervêm entre as latências e as saliências - o "perceber" - e entre as latências e as pregnâncias - "conceber" (Pottier, 1992: 61-69; Pais, 1993: 556-561).

Aqui, parece-nos indispensável formular a hipótese de que todo metassistema conceptual compreende dois níveis e dois tipos de *lexes*. Os processos mentais, na atividade cognitiva do homem, os mecanismos de produção dos recortes culturais, de constituição dos *lexes* e dos 'modelos mentais' que são os *conceptus*, os mecanismos de seleção, de mudança e de fixação dos atributos semânticos, do estabelecimento e da transformação das relações entre tais formações e de sua conversão semiótica (através do percurso gerativo) são próprios ao homem, enquanto espécie biológica e, nesse sentido, universais; nesse primeiro nível, o mais profundo, situam-se certos *lexes* que integram a aptidão semiótica geral do homem - denominadores comuns de todas as culturas e sociedades -, que definem os universais semântico-sintáticos da linguagem e da significação, ou, se preferirmos, proto-*lexes* (universais) que dirigem os processos de construção dos 'modelos mentais', as operações cognitivas. A universalidade dos processos e mecanismos, de ordem mental, assegura a possibilidade de transcódificações entre metassistemas conceptuais distintos e, *ipso facto*, entre semióticas-objeto de culturas e de macrossemióticas diversas (Pais, 1993: 584-598). Em contrapartida, no segundo nível do metassistema conceptual, ainda pertencente às estruturas hiperprofundas mas subordinado

ao primeiro e, portanto, menos profundo, é preciso situar os *lexes* ou *conceptus* construídos, que constituem conjuntos ordenados de noemas bem definidos - o 'léxico-conceptual' -, específicos de uma cultura, característicos desta e disponíveis para todas as semióticas-objeto de uma macrossemiótica, resultantes do *processo histórico da cultura*. Ainda nesse segundo nível, situa-se uma 'sintaxe-semântica' conceptual, encarregada da produção dos *complexos conceptuais*, seqüências sintagmaticamente ordenadas de *lexes/conceptus*, suscetíveis de ser manifestados como enunciados, enquanto análise de determinada experiência, nos textos produzidos por uma semiótica-objeto. Trata-se, pois, de uma construção cultural e histórica, específica de uma macrossemiótica, resultante de seu funcionamento e mudança incessantes, exposta a interferências de outras macrossemióticas (Pais, 1993: 584-598).

Por outro lado, os *metassistemas conceptuais* assim construídos, em seu dinamismo, funcionam, como vimos, enquanto *instância pré-semiótica e trans-semiótica*, capaz de assegurar, por sua vez, a coerência dos recortes culturais e a compatibilidade ideológica intracultural e intra-macrossemiótica, sustentadas pelos processos semióticos, ou seja, pelos sistemas semióticos e seus discursos, no interior desses limites.

Dessa maneira, os *lexes*, ou *conceptus*, enquanto matrizes sígnicas, são disponíveis para o engendramento de funções semióticas e funções metassemióticas (Hjelmslev, 1968: 65-79 e 144-157; Pais, 1979b; 1985; 1993: 384-403, 548), em todos os sistemas semióticos e discursos dependentes de um mesmo metassistema conceptual. O problema da convertibilidade dos *lexes* em funções semióticas e metassemióticas *lato sensu* se propõe, então, nos percursos gerativos próprios a cada processo semiótico.

O *processo discursivo*, como afirmamos muitas vezes, é o *único lugar possível da semiose*, seja da produção da significação e da informação novas, seja da reiteração da significação e da informação preexistentes. Em dado discurso, as funções semióticas e metassemióticas *lato sensu* têm um valor de comunicação exclusivo desse discurso. O discurso lingüístico e o das semióticas não-verbais co-ocorrentes, como a gestualidade, assim como os discursos complexos das semióticas sincréticas determinam tratamentos em paralelo e processos de semiose concomitantes, transcódificações simultâneas, possibilitadas justamente pelo metassistema conceptual subjacente. O resultado dessa produção significativa e informacional realimenta, através do percurso gerativo da enunciação de decodificação, o metassistema conceptual e todas as semióticas-objeto deles dependentes, conduzindo à auto-regulagem e à realimentação. Evidentemente, o mecanismo é muito mais complexo, nos processos discursivos em que se dão transcódificações entre semióticas-objeto pertencentes a diferentes macrossemióticas, dependentes de metassistemas conceptuais distintos. Reconhece-se, assim, a complementaridade obrigatória, por exemplo, dos estudos de semântica cognitiva, de semântica

das línguas, de seus discursos, dos estudos semióticos, sociossemióticos (Pais, 1984a; 1993: 454-456, 495-521) e de semiótica das culturas (Pais, 1993: 603-640).

## 5 Do léxico e das estruturas conceptuais

Em determinado processo semiótico, as significações - funções semióticas e metassemióticas *lato sensu* e suas combinações - e os recortes culturais produzidos determinam em conjunto, como vimos, a configuração de um mundo semioticamente construído (Pais, 1984b; 1993: 556-561). Contudo, essas funções semióticas só podem existir no interior de uma semiótica-objeto e no âmbito de determinada macrossemiótica; não são transcódificáveis; a informação de conteúdo, ao contrário, fundamentada nos recortes culturais, é *suscetível de transcódificação*, não só de uma semiótica-objeto a outra, como também de determinada macrossemiótica a outra, ainda que haja filtragem e certa perda de informação potencial. Essa foi sempre uma das questões mais árduas das pesquisas semióticas e lingüísticas.

Por outro lado, constitui o léxico uma *espaço semiótico* privilegiado, nos sistemas semióticos que são as línguas naturais. Com efeito, através dele, sobretudo, se realizam a produção, a reiteração, a transformação e a manifestação dos recortes culturais e da correspondente 'visão do mundo'. Uma tensão dialética e um processo de alimentação e realimentação são sustentados entre o léxico e os sistemas e práticas sociais e culturais (Pais, 1979; 1984b; 1993: 373-381, 641-649). Noutros termos, o léxico é um instrumento de produção da cultura e, ao mesmo tempo, seu reflexo.

Ora, as pesquisas lexicológicas, lexicográficas e terminológicas se defrontaram sempre com o problema acima apontado, das relações entre significação - necessariamente intrasemiótica - e informação - suscetível de transcódificação -, questão ainda mais complexa, quando as semióticas-objeto envolvidas pertencem a macrossemióticas distintas (Barbosa, 1989).

Se uma língua natural e seus discursos, assim como os sistemas semióticos não-verbais e sincréticos, pertencentes a uma mesma comunidade lingüística e sociocultural, integrantes da mesma macrossemiótica, produzem e reiteram recortes culturais compatíveis, produzem e reiteram um sistema de valores coerente, como vimos, segue-se que esses recortes culturais, ou 'referentes', são específicos de determinada cultura, de sorte que não é possível encontrar, noutras culturas, elementos que lhes sejam idênticos, no sentido matemático do termo. Fenômeno comparável se verifica nas relações entre dada língua natural e as metalinguagens, as 'línguas de especialidade', a partir daquela construídas, entre uma língua natural e os universos de discurso que lhe correspondem.

Nessa perspectiva, toda transcódificação se efetua como uma busca de informações do conteú-

do que sejam aceitáveis como 'equivalentes', para as quais são engendradas significações - intrasemióticas - na semiótica-objeto receptora, capazes de manifestá-las. Evidentemente, soluções desse tipo são sempre parciais, mais ou menos satisfatórias: não existem 'sinônimos' perfeitos numa língua natural, salvo em casos excepcionais, e é impossível encontrá-los, quando se passa de uma língua a outra. O problema se apresenta com todo o seu peso nos trabalhos de elaboração de dicionários ou vocabulários técnico-científicos e, sobretudo, na produção de obras lexicográficas bilíngües ou multilíngües (Barbosa, 1992).

Além disso, o lingüista e o lexicógrafo são obrigados a levar em conta, rigorosamente, o caráter metalingüístico das lexias utilizadas como metatermos suportes da análise sêmica. É preciso fazer abstração, atentamente, das conotações de tais lexias em língua natural. O sujeito falante-ouvinte comum e o usuário da obra lexicográfica têm a tendência de 'ler' esses metatermos com seu sobressmemema polissêmico e/ou polissemêmico de língua (Pais, 1993: 189-190, 216-220), donde os mais que prováveis 'deslizamentos' (*glissements*) de sentido.

Todas essas reflexões levaram-nos a considerar que os lexes, de um ponto de vista, ou os *conceptus*, de outro, assim como os complexos conceptuais desempenham papel extremamente importante nos processos de produção da significação, da informação, da construção e permanente reconstrução do 'mundo'; asseguram a própria possibilidade de realizar os percursos gerativos da enunciação de codificação e de decodificação, os processos de elaboração, transmissão, armazenagem, recuperação e reelaboração da significação e da informação, a acumulação e a transformação das *designationes* e dos *designata*, o estabelecimento das redes de relações que mantêm, a conservação/mudança de elementos e redes, a possibilidade das *transcodificações intradiscursivas, interdiscursivas, intrasemióticas, intersemióticas, intra-macrossemióticas e inter-macrossemióticas*.

Estamos, pois, convencido de que os elementos do nível conceptual desempenham o papel de um *tertium comparationis* (Pais, 1993: 569-578) entre as funções semióticas e metasemióticas *lato sensu*, entre os recortes culturais, entre os primeiros e as segundas - isto é, entre *designationes* e *designata*, seja no interior de uma semiótica-objeto e seus discursos - na norma de um universo de discurso, ou quando se passa de um universo de discurso a outro -, seja quando se passa de uma semiótica-objeto a outra, seja, ainda, quando da passagem de uma macrossemiótica a outra.

Além do caráter operacional dessas noções, para o lingüista e o semiotista, parece-nos evidente que os lexes, os *conceptus* e os *complexos conceptuais* desempenham, sempre, esse papel de *tertium comparationis*, nos sujeitos semióticos enunciadore/enunciatários, em seus processos de produção semiótica, ainda que disso não sejam conscientes, eis que se trata de mecanismos automatizados.

Por isso entendemos que os lexes, ou *conceptus*, de outro ponto de vista, e os complexos conceptuais constituem, tanto para o lingüista, para o lexicógrafo, para o semiotista, como para os sujeitos falantes-ouvintes de uma língua natural e para os sujeitos semióticos enunciadore/enunciatários, em geral, das semióticas-objeto verbais, não-verbais e sincréticas, *critérios* e *parâmetros* que permitem *avaliar* a qualidade e a quantidade de informação produzida, o instrumento, não só para *estabelecer relações* entre as unidades do léxico das línguas naturais e as unidades das metalinguagens construídas a partir daquelas, as funções semióticas e metasemióticas *lato sensu* e os recortes culturais (os 'referentes') que são encarregadas de representar, ou, noutras palavras, as *designationes* e os *designata* que lhes correspondem ou podem lhes corresponder, mas também, para *julgar* essas relações; constituem, enfim, o instrumento para *apreciar* as equivalências propostas e a precisão relativa das transcodificações.

Além disso, essas noções revelam-se operacionais, na medida em que autorizam tanto o lingüista como o semiotista a construir uma metalinguagem científica mais rigorosa, que pode ajudá-los a formalizar feixes de relações tão complexas.

## 6 Ainda a propósito dos 'universais' e dos 'protótipos'

De outro ponto de vista, que nos parece complementar ao acima exposto, é conveniente distinguir, como propõe Pottier, os conceitos gerais ou 'conceitos' que recobrem os seres e as coisas do mundo (percepções discretas do mundo, assim como as propriedades e as atividades que formam a experiência comum aos seres humanos) dos conceitos universais, entendidos como as representações relacionais, abstratas de experiência, ou seja, uma espécie de universo de formas comuns a todas as línguas (Pottier, 1992: 70-78).

Assim, as noções relativas ao primeiro subnível constituem elementos indispensáveis, para a construção de teorias lingüísticas e semióticas gerais mais completas e coerentes. Os elementos que compõem o segundo subnível são os que, no interior de determinada cultura e sua macrossemiótica, achando-se disponíveis para todas as semióticas-objeto e seus discursos nela inseridos, garantem, como vimos, a compatibilidade dos recortes culturais e a coerência ideológica, intra e intersemióticas, intra e interdiscursivas.

Além disso, parece-nos importante diferenciar o *lexe construído* e o *conceptus*, 'modelo mental' do *modelo prototípico* (Pottier, 1992: 63-66; Dubois, 1991). Este representa, segundo Pottier, um "compromisso entre o muito geral e o muito específico", ou seja, aproximadamente, a "idéia banal da coisa", a nosso ver, uma redução do lexe ou do *conceptus* a certo número de atributos constantes e facilmente reconhecíveis, uma espécie de 'núcleo sêmico' *conceptual*, ou seja, um subconjunto de semas conceptuais do lexe

- subconjunto noêmico -, composto de traços constantes que configuram algo como uma norma semântica e sociocultural, que assegura as condições de *previsibilidade semântica* (Pais, 1993: 178-185). O lexe ou o *conceptus*, ao contrário, enquanto conjunto noêmico e matriz sígnica é, por definição, largamente polissêmico; compreende todos os traços semânticos já atualizados num discurso de uma semiótica-objeto qualquer pertencente à macrossemiótica em causa e, ainda, os traços latentes mas que podem ser introduzidos, a qualquer momento, num percurso gerativo da enunciação de codificação. Como é evidente, existe uma relação direta entre o modelo prototípico e o lexe e/ou *conceptus* que lhe correspondem.

Verificamos, pois, que o poder-fazer-saber do *sujeito cognitivo* só pode realizar-se através de um poder-saber-fazer do *sujeito enunciator-enunciatário* do discurso, que, manifestando-se, conduz à realimentação e à regulação do metassistema conceptual e dos processos semióticos dele dependentes. *O sujeito cognitivo e o sujeito semiótico produzem um*

*saber sobre o 'mundo' e sobre si mesmos e são simultaneamente produzidos num processo em que são determinantes a racionalidade, a sensibilidade, a intuição, a afetividade e a historicidade.*

## 7 Classes noemáticas e redes léxico-semântico-conceptuais

Como pudemos observar, acima, é necessário opor, de um lado, os noemas e conjuntos noêmicos 'universais', integrantes dos mecanismos de operação do cérebro humano, ou seja, biologicamente determinados, daqueles que resultam das *escolhas*, das *pregnâncias*, realizadas no interior de uma comunidade lingüística e sociocultural, ao longo do processo histórico da cultura. Distinguem-se, pois, a nosso ver, duas classes de noemas, os noemas de classe A, que são universais semânticos hiperprofundos, que presidem aos mecanismos básicos da cognição, e os noemas de classe B, atributos semânticos conceptuais-culturais. Esquemáticamente, temos:

Classes de Noemas	Caracterização semântico-conceptual	Natureza
Noemas A	Universais semânticos hiperprofundos	mecanismos básicos da cognição
Noemas B	Atributos semânticos conceptuais-culturais	pregnâncias

Figura 1: Classes noemáticas

Além disso, os complexos conceptuais, enquanto combinatórias de lexes/*conceptus* e, ao mesmo tempo, 'matrizes' de enunciados suscetíveis de manifestação nos discursos de diferentes semióticas-objeto, distinguem-se por dois tipos de relações básicas de *atribuição*, em esquemas conceptuais que determinam relações entre um *suporte* - informação pressuposta conhecida do enunciator e do enunciatário e condição da comunicação - ao qual um *aporte atribui* informação nova, dotada de valor de comunicação. Trata-se de duas relações de atribuição, a *atribuição de atributos* - que compreende, por sua vez, relações de

equivalência, de inclusão, de pertinência - e a *atribuição de processo*. Estas se convertem, a seu turno, em esquemas de entendimento, ditos respectivamente mono-actancial e bi-actancial (Pottier, 1974:41-57; Pais, 1993: 244-275). Não examinaremos aqui, por escapar ao nosso propósito, no presente trabalho, os diferentes subtipos dessas duas formulações básicas. Limitamo-nos a apresentar, de maneira sumária, nossa formalização dos complexos conceptuais, apontando dois exemplos dos decorrentes esquemas de entendimento. Temos, pois:

Complexo conceptual	Atributivos de atributo	$A \cong / \supset / \subset / \in \dots B$
Esquema de entendimento		$\bigcirc \leftarrow \square$
Complexo conceptual	Atributivos de processos	$A \langle \text{CAUS} \rangle B: \alpha \rightarrow \beta, A \cong / \neq B$
Esquema de entendimento		$\bigcirc \rightarrow \square \rightarrow \bigcirc$

Figura 2: Complexos conceptuais e esquemas de entendimento

Parece-nos necessário acrescentar, por outro lado, que a *denominação*, se entendida como a relação que se estabelece entre o *conceptus*, 'modelo' mental, unidade do metassistema conceptual, e as funções semióticas e/ou metassemióticas *lato sensu*, ou, noutros termos, as unidades do 'léxico' de determinada semiótica-objeto, permitem examinar, com maior rigor, as relações de significação. No caso das línguas naturais e seus discursos, torna-se possível analisar, descrever e explicar, de maneira mais precisa, não só as relações de significação, intrassemióticas, como também as relações léxico-semântico conceptuais, a nosso ver de grande interesse para semanticistas, lexicólogos, lexicógrafos e terminólogos (Barbosa, 1998).

A título de ilustração, consideramos aqui, apenas, a parassinonímia, caracterizada como a relação entre *um conceptus* e duas ou mais unidades lexicais, cujos sememas lingüísticos, apresentam uma intersecção; a co-hiponímia, definida como relação entre *dois conceptus* e duas unidades lexicais, cujos sememas lingüísticos têm uma intersecção; a hiperonímia/hiponímia, em que dois *conceptus*, em relação de inclusão, ligam-se a duas unidades lexicais, cujos sememas estão em relação de inclusão inversa, na medida em que o *conceptus* includente define um *topos* semântico mais amplo, enquanto o semema lingüístico relativo ao *conceptus* incluído tem, como é evidente, semema lingüístico mais específico. Esquemáticamente, temos:

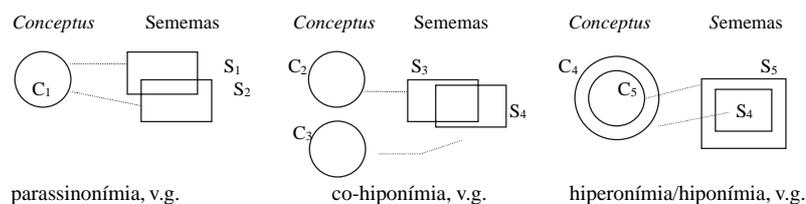


Figura 3: Relações léxico-semântico-conceituais

## 8 Conceptualização e semiose no âmbito do percurso gerativo da enunciação

Como pudemos verificar acima, o processo de produção do conhecimento, articulado ao da produção da significação, como função semiótica, ou seja, das relações entre *episteme*, como projeção do homem sobre os 'objetos do mundo', na concepção aristotélica, como construção do 'saber sobre o mundo', e *semiose*, enquanto produção da significação, ou seja, das *designationes* que manifestam os *designata*, recortes culturais, nas diferentes semióticas-objeto, verbais, não-verbais e sincréticas, podem ser mais satisfatoriamente explicados, quando examinados no âmbito do percurso gerativo da enunciação, numa concepção mais ampla.

Desse modo, nosso modelo de percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação, compreende, vale lembrar, os patamares da percepção, da conceptualização, da semiologização, da lexemização, da atualização, da semiose, quanto ao *fazer persuasivo*, os do reconhecimento da semiótica-objeto, da re-semiotização, da ressemiologização e da reconceptualização, quanto ao *fazer interpretativo*; e as transformações que entre eles se realizam (Pais, 1993a; 1993b; 1994; 1995; 1996; 1997).

Tornou-se necessário examinar as unidades correspondentes a cada patamar do percurso e suas relações: a questão das *latências*, *saliências*, *pregnâncias*; a construção do protótipo e do *conceptus*, 'modelo mental', sua relação com o recorte cultural, na *conceptualização*; a relação de *denominação*, entre 'modelo mental', do metassistema conceptual, e unidade 'lexical', de sistema e normas discursivas; a relação de *designação*, entre unidade 'lexical' e recorte cultural; a *referência*, relação entre funções semióticas intra-sígnicas manifestadas e recortes culturais, 'objetos do mundo', tomados no texto. Com o auxílio da noêmica, da semântica cognitiva, da semântica lexical e da semiótica, formalizaram-se complexas redes de relações semântico-conceituais, léxico-semânticas, semântico-sintáticas, referenciais, pragmáticas.

Obtivemos, então, um modelo teórico que procura dar conta da produtividade sistêmica e discursiva, da produção, reiteração, transformação dos recortes e das significações que os manifestam em discurso, da modificação da competência, decorrente da produtividade discursiva, ao longo do processo histórico, numa dinâmica configuradora de processo semiótico. Explica-se, dessa maneira, o processo de produção do discurso, a partir do sistema - a competência auto-

riza o desempenho -, a produção, reiteração, transformação dos recortes e das significações que os manifestam em discurso, a produção de novo estágio do sistema, ou, a modificação da competência, decorrente da produtividade discursiva, ao longo do processo histórico da sociedade envolvida, em seu todo, como em cada um de seus membros, numa relação dialética.

Essa produção, reiniciada e reiterada em cada enunciação, conduz à (re)constituição de um metassistema conceptual - 'léxico' e 'sintaxe' -, disponível para atualização em qualquer semiótica-objeto de determinada comunidade, caracterizando-se como uma pancronia (funcionamento e mudança). Articulam-se dialeticamente *conceptus* e recortes culturais, ou *designata*, que funcionam como '*referentes*', como '*objetos do mundo*' *semioticamente construídos* da cultura e da sociedade envolvidas.

Importa, a nosso ver, retomar, de forma mais minuciosa, alguns aspectos das relações entre o *fazer do sujeito da cognição* e o *fazer do sujeito da semiose*. De fato, o processo de produção do conhecimento, articulado ao da produção da significação, como função semiótica, ou seja, das relações entre *episteme*, como projeção do homem sobre os 'objetos do mundo', em suma, do 'saber sobre o mundo', e o processo da *semiose* dita infinita, enquanto produção das *designationes* que manifestam os *designata*, podem ser mais satisfatoriamente explicados, como já tivemos ocasião de assinalar, quando examinados ao longo do percurso gerativo da enunciação. Para a sua formalização, utilizamos modelos da lógica formal, da lógica matemática, das lógicas dialéticas e das lógicas modais.

Desenvolve-se o *fazer persuasivo* do sujeito enunciator do discurso, em cada processo discursivo, como vimos acima, através dos patamares da percepção, da conceptualização, da semiologização, da lexemização, da atualização, da semiose.

Verifica-se que, na enunciação de codificação e a partir da percepção biológica - culturalmente filtrada em função dos comportamentos e condicionamentos adquiridos, ou, noutros termos, do 'aprendizado' de uma comunidade - dos dados da experiência, desencadeia-se no patamar da conceptualização, a produção de modelos mentais - *conceptus* - e recortes culturais - *designata* -, que leva em conta a prévia detecção e escolha de atributos semânticos conceptuais, nos diferentes graus da latência, da saliência e da pregnância (Pottier, 1992: 72) dos 'objetos', dos processos e atributos da semiótica natural.

Essa produção, sempre reiniciada e reiterada em cada enunciação, conduz, por geração, acumulação e

transformação, à construção de um 'léxico' conceptual - protótipos (Dubois, 1990: 29-100) e *conceptus* (Rastier, 1991: 73-114) - e de uma 'sintaxe' conceptual, ou, noutras palavras, de um metassistema conceptual disponível para atualização em qualquer semiótica-objeto de determinada cultura e sociedade, caracterizando-se como uma pancronia no sentido amplo (funcionamento e mudança).

Entendem-se as latências como os atributos semânticos possíveis dos 'objetos' e 'processos' da semiótica natural; as saliências, como os atributos que se destacam, na estrutura, funcionamento e hierarquia dos 'fatos naturais'. As pregnâncias, por sua vez, constituem o resultado da atividade do homem, das escolhas que faz nas diferentes maneiras de apreensão daqueles 'fatos'.

Nessa perspectiva, o protótipo deve ser considerado como núcleo noêmico, ou núcleo sêmico conceptual. A ele podem corresponder um ou vários *conceptus* que o contêm, numa relação de inclusão. O *conceptus*, ou 'modelo mental', constitui, assim, um conjunto noêmico expandido, conjunto sêmico conceptual, resultante de uma *escolha* do sujeito individual e/ou coletivo. Articulam-se dialeticamente os *conceptus* e os recortes culturais, ou *designata*, que funcionam como 'referentes' ou, mais precisamente, como 'objetos do mundo' semioticamente construído de uma cultura e sociedade.

Dessa forma, comporta-se o metassistema conceptual como sistema de matrizes noêmicas - dialeticamente articuladas aos recortes culturais, como vimos - da produção de funções semióticas e metassemióticas *lato sensu*. Assim, a produção, acumulação e transformação do saber sobre o 'mundo' somente ocorrem no processo de enunciação do discurso, concomitante e indissociavelmente da produção, armazenagem, e recuperação, durante o percurso gerativo, da significação e da informação semioticamente construída.

Esse percurso sustenta-se, pois, dentre outros aspectos, num *contrato de cooperação* entre sujeito enunciador - sujeito da enunciação de codificação - e sujeito enunciatário - sujeito da enunciação de codificação -, sem o qual não são viáveis a produção

cognitiva e a produção de significação, concomitantes e articuladas.

Segue-se à conceptualização, já examinada, a semiologização, enquanto processo de conversão dos atributos dos conjuntos noêmicos em atributos semânticos pré-semióticos, trans-semióticos, e de (re)ordenamento dos campos semânticos, os *τοποι*.

A semiotização configura-se como outro nível que depende da *escolha* - consciente ou não - da semiótica-objeto - verbal (uma língua natural), não-verbal ou sincrética -, inserida na *macrosemiótica* de uma cultura (Pais, 1982).

Compreende a semiotização o nível da lexemiização, entendida, por sua vez, como processo de conversão dos *conceptus*, das matrizes noêmicas, em funções semióticas (grandezas signos) de uma semiótica-objeto e/ou em funções metassemióticas dessas grandezas, ou seja, da geração e/ou transformação de *designationes*, relacionadas a determinação *conceptus* e seu correspondente *designatum*.

Nas línguas naturais e seus discurso, por exemplo, importa distinguir, na etapa da atualização, o nível do sistema e o das normas. No sistema, caracterizam-se as unidades lexicais, enquanto *designationes*, por um *semema polissêmico*, denominado *sobressemema*. Sofre esse semema uma *restrição sêmica*, quando de sua inserção numa norma, no plano diatópico e/ou diastrático e, sobretudo, num universo de discurso. Desse modo, a um sobressemema, ao nível do sistema, correspondem vários *sememas* específicos, caracterizadores de *normas discursivas*.

A combinatória particular das unidades no enunciado de determinado discurso manifestado, em função das relações *intratextuais*, *intertextuais*, *intradiscursivas*, *interdiscursivas*, conduz, dialeticamente a uma ampliação do *epissistema* dessas unidades, nesse discurso, de que resulta o processo da semiose, do ponto de vista do sujeito enunciador, com a produção de significação e informação novas, específicas do discurso em causa e dotadas de valor de comunicação. Verifica-se, na verdade, que as mesmas relações entre sistema, normas e discurso manifestado ocorrem nas semióticas não-verbais e sincréticas, *mutatis mutandis*. Esquemáticamente, temos:

Modelo sumário de percurso gerativo da enunciação de codificação

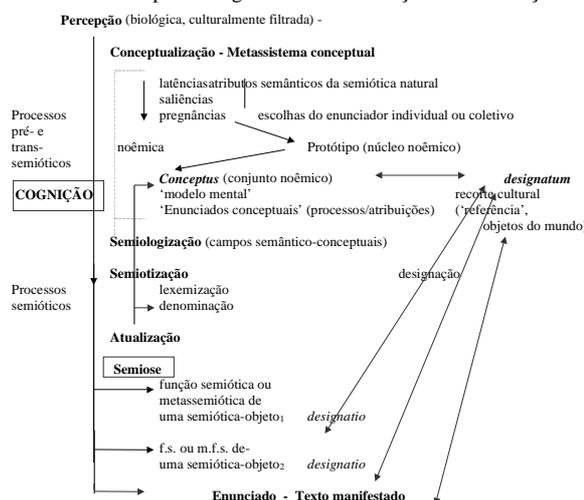


Figura 4: Percurso gerativo da enunciação de codificação

Em síntese, cumpre distinguir diferentes relações. A *conceptualização* estabelece o percurso entre a percepção e a construção do ‘modelo mental’, *conceptus*, dialeticamente articulado a um recorte cultural; a *denominação* configura a etapa pela qual um *conceptus* é lexemizado, ou, se preferirmos, é convertido em ‘lexema’ de determinada semiótica-objeto, estabelecendo-se a relação *conceptus-denominação*; a designação define a relação entre a função semiótica e/ou metassemiótica *lato sensu* e o *designatum*, o recorte cultural, a *referência* qualifica-se como relação de implicação entre o *significado* (excepcionalmente, também., o *significante*, na ‘função poética’) *construído no texto* e o *mundo semioticamente construído*, que, para os sujeitos enunciator-enunciatário, naquele universo de discurs-

so, equivale à uma ‘visão de mundo’, apoiada na rede de *designata*, de recortes culturais.

Ao fazer do sujeito enunciator correspondem, no *fazer interpretativo* do sujeito enunciatário, como vimos, os patamares da percepção do objeto semiótico concreto, da reatualização ou do reconhecimento (da semiótica -objeto e dos elementos manifestados), da re-semiotização, da ressemiologização, da reconceptualização, conducentes à realimentação e a autorregulação do metassistema conceptual.

De maneira sumária, pois, podemos considerar em conjunto o fazer persuasivo do sujeito enunciator e o fazer interpretativo do sujeito enunciatário, inseridos e articulados no percurso gerativo da enunciação, de acordo com o seguinte esquema:

Do percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação



Figura 5: Percurso gerativo da enunciação enunciator-enunciatário

Nessas condições, acreditamos que seria útil tornar mais claras ou, ao menos, mais explícitas, as relações que se estabelecem entre o percurso gerativo transfrástico proposto por Greimas, e o percurso gerativo frástico, proposto anteriormente por Pottier. Para tanto, buscamos articular os dois modelos, inserindo-os no modelo de percurso gerativo de enunciação de codificação e de decodificação que elaboramos

e do qual fizemos uma sumária apresentação acima. Simultaneamente, fizemos *um ensaio de homologação* das estruturas e patamares semióticos *stricto sensu* e semântico-sintáticos (Pais, 1985). Assim procedemos, para alcançar, para nós mesmos, uma melhor compreensão das condições de produtividade sistêmica, lexical e discursiva (Pais, 1993: 522-553). De maneira sumaríssima e esquematicamente temos:

Ensaio de homologação dos modelos de percurso gerativo de Greimas e Pottier e sua inserção no modelo de percurso gerativo de Pais.

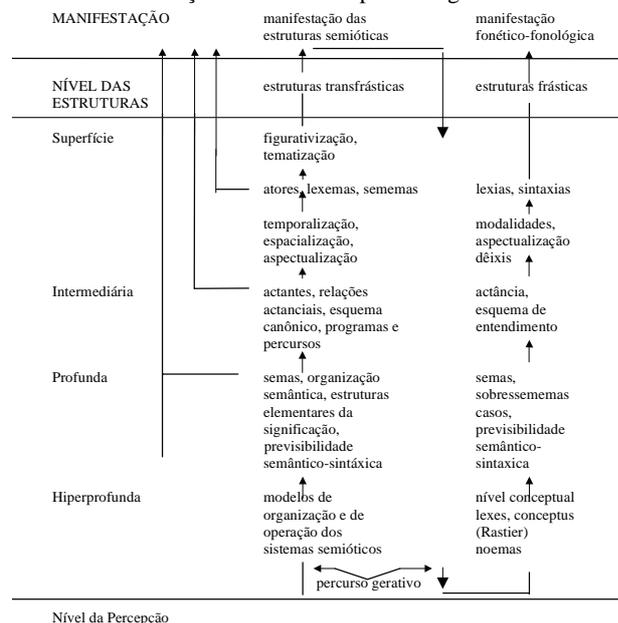


Figura 6: Percurso gerativo frástico e transfrástico

## 9 Racionalidade, sensibilidade, afetividade, historicidade

As relações entre *designationes* e *designata*, de um lado, e entre o plano do conteúdo e o plano da expressão, de outro, constituem questões das mais complexas, no âmbito dos estudos da filosofia da linguagem, da lingüística e da semiótica, discutidas desde o período greco-romano até os dias de hoje. Na Antigüidade, Platão (1969), por exemplo, narra no diálogo *Crátilo*, a discussão de Sócrates sobre a natureza do signo, retomada, logo depois, por Aristóteles (1973). Tratava-se, então, de duas teses, a de que o signo e sua relação com os ‘objetos do mundo’ resultam de um consenso social, de uma convenção (θεσει), ou da ‘natureza das coisas’ (jusei). A discussão prossegue entre os filósofos da Idade Média e da Renascença (que nos abtemos de citar, por falta de espaço) e alcança o século XX. Saussure (1964) sustenta, em 1911, que as relações entre significante e significado e do signo com o ‘referente’ são arbitrárias, de modo geral. Benveniste (1966), posteriormente defenderia a proposição de que o signo é motivado.

De maneira sucinta, os defensores da tese da motivação do signo lingüístico apontam, por exemplo, os casos das onomatopéias, das palavras impressivas, da harmonia imitativa e da harmonia sugestiva (Grammont, 1963). Contra-argumentam os que sustentam a posição contrária, da arbitrariedade do signo, que, mesmo nesses casos, tem-se sempre uma

interpretação lingüística, dentro das possibilidades do sistema fonético-fonológico de cada língua. Acrescentam os primeiros que, além da motivação fonética *stricto sensu*, existem no universo léxico das línguas naturais motivações léxicas e morfo-semântico-sintáticas. A discussão parece inexaurível.

Fundamentando-nos na teoria semiótica mais avançada, formulamos um pequeno modelo que, a nosso ver, permite explicar alguns dos aspectos desse relevante tema. Pensamos que *arbitrariedade* e *motivação* devem ser entendidas como duas forças, ou duas tendências contrárias, dialeticamente articuladas. Nesses termos, a *significação*, enquanto função semiótica, ou relação de dependência entre o plano do conteúdo e o plano da expressão, sustenta-se, na tensão dialética entre aqueles dois termos; *~arbitrariedade* e *~motivação* constituem os correspondentes termos contraditórios. Obtém-se, assim, a formalização dessas relações e das que delas decorrem, num octógono semiótico dialético. Teremos, pois, quatro metatermos complexos. A *significação*, resulta, como vimos, da combinação *arbitrariedade* x *motivação*, numa perspectiva pancrônica em sentido amplo (funcionamento e mundança); *arbitrariedade* x *~motivação* definem o metatermo *racionalidade*, numa perspectiva rigidamente sincrônica; a combinação *motivação* x *~arbitrariedade* determina o metatermo *historicidade*, na perspectiva diacrônica; *~motivação* x *~arbitrariedade* definem o termo neutro (fora do sistema da significação). Esquemáticamente, temos:

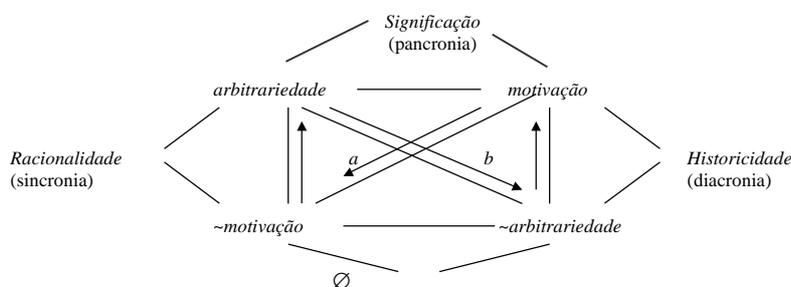


Figura 7: Racionalidade e historicidade

Nessas condições, observa-se que *b* é o percurso dialético da *neologia*, enquanto *a* equivale ao percurso dialético da *desneologização*.

Complementarmente, parece-nos lícito conceber a *significação*, enquanto função semiótica, como uma tensão dialética entre os termos *conteúdo* e *expressão*. A esses metatermos correspondem os metatermos contraditórios *~conteúdo*

e *~expressão*. A combinação *conteúdo* x *~motivação* define o metatermo complexo do *plano semiológico-conceptual* (o conceito e o *conceptus*); a combinação *expressão* x *~conteúdo* determina o metatermo do *plano do sensível*; *~expressão* x *~conteúdo* definem o termo neutro. Tais relações podem ser formalizadas no octógono dialético:

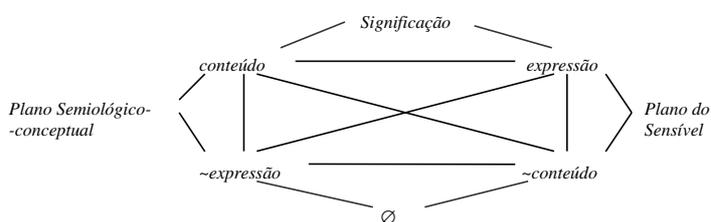


Figura 8: Sensibilidade, Racionalidade

## 10 Sujeito, conceptualização, significação, informação, designação

Convém lembrar que os dados da experiência constituem informação potencial, suscetível de ser transformada em informação utilizável pela intermediação dos processos semióticos. Essa transformação exige, como vimos, a produção de recortes culturais, ou seja, de 'objetos', de processos que se verificam entre aqueles e de atributos de 'objetos' e processos, ou, noutras palavras, a produção de 'referentes', enquanto elementos de um universo cultural, dialeticamente articulada ao processo da conceptualização, acima examinado e da correspondente produção de 'modelos mentais', os *conceptus*. Parece-nos legítimo, pois, considerar que uma tensão dialética se sustenta entre o sistema cultural e o metassistema conceptual, que define a informação de conteúdo dos processos semióticos envolvidos.

Por outro lado, a produção de informação é indissociável, como sabemos, da produção de significação. Logo, as informações utilizáveis o são, na medida em que assumem o estatuto de *designata*, em relação às funções semióticas e metassemióticas, caracterizadas, por sua vez, como *designationes*. Assim, a nosso ver, outra tensão dialética se sustenta, a tensão *designatio/designatum*, a que chamamos a designação.

Quanto à significação, entendida como função semiótica, ou seja, uma relação de dependência entre um plano do conteúdo e um plano da expressão, resultante da semiose, define-se, no âmbito de determinado processo semiótico, como uma tensão significante/significado.

Nessas condições, a *informação* pode ser produzida como *intersemiótica* - no caso dos processos semióticos sincréticos, ou *tornar-se intersemiótica*, como resultado de transcodações sucessivas, ao passo que a *significação* é, por definição, *intrasemiótica*.

Encontramo-nos, assim, diante de processos semióticos construídos e operantes em dada comunidade lingüística e sociocultural, encarregadas, a seu

turno, da construção e da permanente reconstrução de uma visão de mundo, ou, se preferirmos, de um mundo semioticamente construído, de sorte que outra tensão dialética é sustentada, a tensão processo semiótico/mundo construído.

Ora, como já tivemos ocasião de assinalar muitas vezes, a produção de informação e de significação, a produção e reiteração dos sistemas de valores só podem efetuar-se em discurso, na produtividade discursiva.

Por conseguinte, se desejamos elaborar modelos que permitam uma melhor compreensão desse complexo processo de produção, temos de levar em conta, necessariamente, o sujeito do discurso, ou, mais precisamente, o sujeito da enunciação, tanto o sujeito da enunciação de codificação, como o da enunciação de decodificação, no âmbito do percurso gerativo da enunciação.

Dessa maneira, é o sujeito do discurso - individual ou coletivo - que opera os processos semióticos, produz e reitera informação e significação, em seus discursos, segundo a tensão consenso/especificidade. O mundo semioticamente construído é reiterado e reconstruído incessantemente.

Entretanto, o sujeito do discurso é, ele mesmo, um elemento desse mundo construído: neste integra todos os dados da experiência e, portanto, inscreve-se ele próprio nas redes do universo cultural, do metassistema conceptual e dos universos semióticos construídos, no âmbito da macrossemiótica em questão.

Além disso, enquanto enunciador-enunciatário o sujeito produz seus discursos e é, ao mesmo tempo, produzido por seus discursos. Daí resulta uma tensão sujeito/processo semiótico. Por outro lado, como já pudemos observar, uma tensão dialética se sustenta entre processos semióticos e mundo construído. Desse modo, pela intermediação dos processos semióticos e seus discursos, sustenta-se, finalmente, uma tensão dialética sujeito semiótico/mundo construído (Pais, 1993: 579-584).

Esquemáticamente, temos:

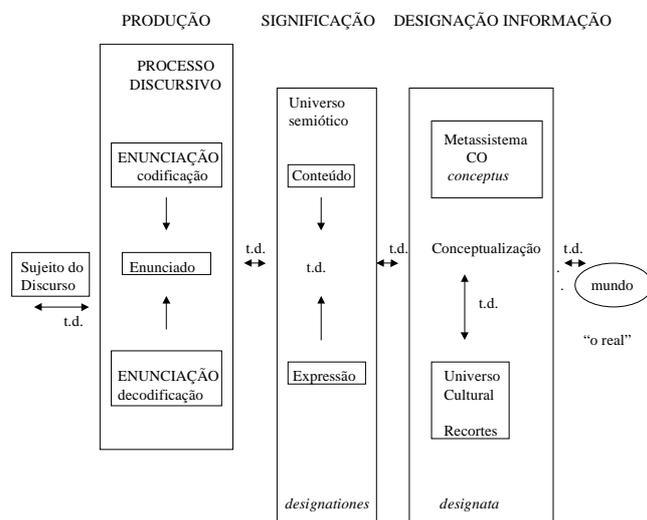


Figura 9: Sujeito, conceptualização, significação, informação, designação

Saber e significação articulam-se, pois, no processo de produção discursiva, e revelam, ao mesmo tempo, as escolhas, ou seja, a fixação dos critérios e da pertinência, que determinam e refletem o sistema de valores de uma comunidade. A reiteração da produção discursiva e a subsequente realimentação e autorregulação do metassistema conceptual e das semióticas dele dependentes, no âmbito de uma macrosemiótica, configuram o processo de produção, acumulação e transformação do saber, assim como da significação e da informação (recortes culturais) que o sustentam, ao longo do processo histórico de uma cultura.

## 11 Dicionários técnico-científicos bilíngües e multilíngües: visões de mundo, sistemas de valores e cooperação técnico-científica internacional

Desse modo, a produção (e transformação) do saber sobre o 'mundo' só é viável no processo de enunciação do discurso, articuladamente à produção, armazenagem, e recuperação da significação e da informação semioticamente construídas, num percurso sustentado em contrato de cooperação entre enunciador e enunciatário.

Nesse sentido, a 'visão do mundo' de uma comunidade lingüística e sociocultural, assim como a ideologia, a axiologia e o sistema de valores de uma cultura acham-se sempre em incessante (re)formulação, num perpétuo "vir a ser", no processo histórico da cultura, transmitindo, simultaneamente, aos membros da comunidade o sentimento de sua permanência e continuidade: processos semióticos e mundos semioticamente construídos são espacialmente delimitados e historicamente determinados.

Assim, examinaram-se alguns aspectos do estatuto lingüístico, pragmático, semiótico e sociocultural dos dicionários terminológicos bilíngües e multilíngües. Foram considerados modelos teóricos concernentes aos diferentes patamares do percurso gerativo da enunciação e às relações que se estabelecem entre as unidades correspondentes a cada nível, como a relação entre *conceptus*, 'modelo mental' e recorte cultural, ou *conceptualização*; a relação de *denominação*, entre 'modelo mental', do metassistema conceptual, e unidade lexical, do sistema e das normas lingüísticas; a relação de *designação*, entre a unidade lexical/terminológica e o recorte cultural; a *referência*, entre a função semiótica intrasígnica e os 'objetos do mundo', *ousía*, na expressão de Aristóteles.

Formalizaram-se, assim, complexas redes de relações semântico-conceptuais, léxico-semânticas, semântico-sintáticas e referenciais, inclusive do ponto de vista pragmático. Foi possível chegar a uma explicação satisfatória dos processos segundo os quais os dicionários terminológicos realizam uma reelaboração do mundo semioticamente construído e, simultaneamente, uma reconstituição do saber, no

âmbito de uma especialidade técnica ou científica, configurando-se, pois, a um tempo, como universo de discurso terminológico e *simulacro* do universo de discurso que é objeto do dicionário em questão.

Verificou-se, notadamente, que o sistema de remissivas, quando bem elaborado, constitui uma rede paradigmática que permite reconstituir a teoria científica e/ou tecnológica que toma por objeto, no plano semântico-conceptual, como também no plano das relações lingüístico-socioculturais, apontando ao usuário caminhos de acesso ao saber.

Além disso, observou-se que o dicionário terminológico, enquanto simulacro, sustenta os microsistemas de valores relativos ao universo semiótico da especialidade em causa e, também, como é evidente, microsistemas de valores da língua em que se manifesta.

## 12 Conclusão

Nessas condições, constatou-se que dicionários terminológicos bilíngües e multilíngües revelam extraordinária complexidade, quanto aos sistemas de valores e às visões de mundo sustentadas, das várias línguas e culturas envolvidas. Determinaram-se, com o apoio dos modelos e da metodologia apontadas, diferentes relações de articulação e de confronto, de dominação, dependência e submissão lingüístico-culturais, de conflito entre identidades e diversidade culturais, dentre outros aspectos, com sérias conseqüências, para o rigor e a eficácia dessas obras, enquanto instrumentos importantes de auxílio à comunicação entre especialistas e à cooperação técnico-científica internacional.

## Bibliografia

- ARISTOTE (1963) *Rétorique*, Livres I e II (Paris, "Les Belles Lettres").
- BARBOSA, M.A. (1989) - "Da microestrutura dos vocabulários técnico-científicos". In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL* (Recife, ANPOLL), p. 567-578.
- \_\_\_\_\_. (1992) - "O percurso gerativo da enunciação, a relação de equivalência lexical e o ensino do léxico". In: *Estudos lingüísticos XXI. Anais de Seminários do GEL*. Vol. 1. (Jau, Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo/Fundação Educacional "Dr. Raul Bauab"), p. 258-265.
- \_\_\_\_\_. (1998) - "Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações". In: *Acta semiotica et linguistica*, vol. 4 (São Paulo, Plêiade), p. 25-44.
- BENVENISTE, E. (1966) *Problèmes de linguistique générale* (Paris, Gallimard).
- COURTÉS, J. (1991) - *Analyse sémiotique du discours. De l'énoncé à l'énonciation*. (Paris, Hachette).

- DUBOIS, D. et al. (1991) *Sémantique et cognition. Catégories, prototypes, typicalité* (Paris, CNRS).
- GREIMAS, A. J. et COURTÉS, J. (1979) *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. (Paris, Hachette), p. 157-162.
- HJELMSLEV, L. (1966) *Prolégomènes à une théorie du langage* (Paris, Minuit).
- PAIS, C.T. (1979a) - "Les tensions et les parcours de production du processus sémiotique". In: *Acta semiotica et linguistica*, vol. 3 (São Paulo, Global), p.103-124.
- \_\_\_\_\_. (1979b) - "Semiose, informação e transcodificação". In: *Língua e Literatura*, 8 (São Paulo, FFLCH-USP), p.57-69.
- \_\_\_\_\_. (1980) "Systèmes de signes et systèmes de signification au-delà du structuralisme". In: *Acta semiotica et linguistica*, vol. 4 (São Paulo, Global), p. 69-80.
- \_\_\_\_\_. (1982) "Elementos para uma tipologia dos sistemas semióticos". In: *Revista Brasileira de Lingüística*, vol. 6 (São Paulo, Duas cidades, p. 45-60).
- \_\_\_\_\_. (1984a) - "Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso". In: *Revista Brasileira de Lingüística*, vol. 7 (São Paulo, Global), p. 43-65.
- \_\_\_\_\_. (1984b) - "Conceptualisation, information, production du sujet". In: *Acta semiotica et linguistica*, vol. 5 (São Paulo, Global) p. 41-61.
- \_\_\_\_\_. (1985) - "Sémiotique structurale et syntaxe sémantique: essai d'homologation épistémologique". In: PARRET, H. et RUPRECHT, H.G. (Ed.) - *Exigences et perspectives de la sémiotique. Recueil d'hommages pour Algirdas Julien Greimas* (John Benjamins Publ. Co.), p. 483-498.
- \_\_\_\_\_. (1988) - "Conditions sémiotiques et sémantico-syntaxiques de la productivité systémique, lexicale et discursive". In: Divers, *Hommage à Bernard Pottier*, vol. II (Paris, Klincksieck), p. 599-614.
- \_\_\_\_\_. (1993) - *Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive*. Doctorat d'État ès-Lettres et Sciences Humaines. Directeur de Recherche: Bernard Pottier (Paris, Université de Paris-Sorbonne (Paris-IV), Lille, Atelier National de Reproduction des Thèses), 761 p.
- \_\_\_\_\_. (1998) - "Conceptualisation, dénomination, désignation, référence. Réflexions à propos de l'énonciation et du savoir sur le monde". In: *Hommage à Simone Saillard. Textures. Cahiers du Centre d'Études Méditerranéennes et Ibéro-Américaines*. (Lyon, Université Lumière Lyon 2), p. 371-384.
- PLATON (1969) - *Oeuvres complètes*, Vol. I, II, III (Paris, "LesBelles Lettres").
- POTTIER, B. (1974) - *Linguistique générale. Théorie et description* (Paris, Klincksieck).
- \_\_\_\_\_. (1980a) - "Comment dénommer les sèmes". In: *Le Bulletin*, 13 (Paris, Centre de Recherches Sémio-linguistiques), p. 21-29.
- \_\_\_\_\_. (1980b) - "L'homme, le monde, le langage, les langues, le linguiste". In: *Le Bulletin*, 14 (Paris, Centre de Recherches Sémio-linguistiques) p. 3-7.
- POTTIER, B. (1987) - *Théorie et analyse en linguistique*. (Paris, Hachette).
- \_\_\_\_\_. (1991) - *Théorie et analyse en linguistique*. 2è éd. (Paris, Hachette).
- \_\_\_\_\_. (1992) - *Sémantique générale*. (Paris, PUF).
- RASTIER, F. (1991) - *Sémantique et recherches cognitives* (Paris, PUF).
- SAUSSURE, F. de (1964) - *Cours de linguistique générale*. (Paris, Payot).